

# A BARCA

## EQUIPE EDITORIAL A BARCA

É com muita felicidade que apresentamos o primeiro número de *A Barca*, a revista do Programa de Pós-graduação em Cinema e Audiovisual da Universidade Federal Fluminense.

*A Barca* é uma publicação que se destina à divulgação de estudos teóricos e/ou práticos sobre Cinema e Audiovisual e suas transversalidades com outros campos de conhecimento e com as diferentes sociedades. Como um espaço de navegação, travessias, desvios e horizontes, integra a trajetória dos estudos de Cinema e Audiovisual na UFF a contextos e temas emergentes e às novas dinâmicas simbólicas, econômicas, éticas, estéticas e políticas da experiência audiovisual e midiática. Nossa revista tem o compromisso de refletir sobre os fluxos teóricos, conceituais e metodológicos do campo de estudos de cinema, considerando os movimentos, tensões e disputas históricas, políticas, culturais, econômicas e sociais que cercam as pesquisas.

Por considerar o Cinema e o Audiovisual como um campo vivo e dinâmico, a publicação estimula o diálogo entre saberes e tradições teóricas, ao mesmo tempo que abarca propostas de repensar recortes e abordagens tradicionais a partir das experiências dissidentes, contra-hegemônicas e não ocidentais que colocam em xeque leituras situadas pelos estritos limites nacionais. Nesse sentido, desejamos que *A Barca* se some à construção de um campo de conhecimento em formação e que está em constante transformação e diálogo com a sociedade.

Convidamos todas, todes e todos para embarcar na navegação desta primeira edição. Seu dossiê, intitulado *Cinema, audiovisual e democracia – passado e presente*, não poderia ser mais oportuno no atual contexto em que o fascismo segue forte no Brasil, mas ventos de alívio e esperança começaram a soprar. Para saber mais sobre ele, leiam o texto de apresentação das editoras Izabel de Fátima Cruz Melo (Universidade do Estado da Bahia), Mariana Souto (Universidade de Brasília) e do editor Reinaldo Cardenuto (Universidade Federal Fluminense).

a revista - apresentação

Além do dossiê, contamos com dois artigos de temática livre. Em “Pensadores sociais e o esporte no cinema: ações acadêmicas nos enfrentamentos do autoritarismo contemporâneo”, Cristiano Mezzaroba, Fabio Zoboli, Hamílcar Silveira Dantas Junior e Maria Edivânia Alves dos Santos refletem sobre o potencial do audiovisual na formação de professores, no âmbito da Educação Física, em um diálogo tão raro quanto profícuo. Já em “Perspectiva realista e imagens do popular: o sertão do filme *Viajo porque preciso, volto porque te amo* (Karim Ainouz e Marcelo Gomes)”, de Ana Daniela de Souza Gillone, encontramos uma curiosa leitura pelo interesse popular e uma análise detalhada de um outro sertão em um dos filmes mais importantes do recente cinema brasileiro.

Na seção “Navegações”, *A Barca* conta em sua primeira edição também com dois textos. Em “No fim da tempestade: Uma situação neocolonial?”, Daniel Caetano e Carolina Pucu de Araújo partem da interrogação de Paulo Emílio Salles Gomes sobre a situação colonial do cinema brasileiro para, comparativamente, traçar um paralelo fundamental sobre diferentes momentos históricos e as agendas voltadas ao fomento e regulação do mercado cinematográfico. No segundo artigo, Luiz Fernando Wlian discorre sobre críticas feitas por filmes queer ao capitalismo contemporâneo através de suas propostas estéticas. O resultado é “O gozo dos sonâmbulos e o elixir do sono: sensibilidades dissidentes no cinema *queer* contemporâneo”.

A primeira entrevista da revista, “Cinema, território e juventude: entrevistas sobre oficinas audiovisuais para jovens de ocupações urbanas”, feita por Rafael Mello, permite-nos escutar protagonistas de importantes oficinas voltadas para a formação audiovisual em suas relações para com a juventude e as questões territoriais que o cinema tanto se propõe a pensar.

É perceptível que o tema “Cinema e Democracia”, em maior ou menor grau, atravessou todo este número. E não seria diferente na seção de resenhas que, neste número, conta com duas. Marina Cavalcanti Tedesco comenta a estrutura, os principais aspectos e a importância do livro “Autoritarismos no Brasil: o olhar de dez realizadoras brasileiras contemporâneas” (2022), de Lídia Mello. Em “Um cineasta e seu país: a bem-vinda interlocução entre história e cinema na obra de Fábio Monteiro sobre Patrício Guzmán”, Denise Tavares nos brinda com uma análise de “O cinema de Patrício Guzmán: história e memória entre as imagens políticas e a ética das imagens” (2022), obra resultante da tese de doutorado de Fábio Monteiro.

Para encerrar esta apresentação, deixamos nossos enormes agradecimentos a todas as pessoas editoras, autoras e pareceristas que confiaram em uma revista que está começando. Sabemos o quanto há de político nessa atitude em tempos tão produtivistas, onde métricas e índices espúrios muitas vezes valem mais do qualquer outra coisa. E agradecemos, obviamente, a você que está nos lendo. Desejamos que desfrute tanto dessa travessia quanto nós ao preparar este primeiro número.

Vida longa para *A Barca*!